

## Insucesso escolar e origem social: resultados dum inquérito-piloto \*

A função selectiva e reprodutora da escola na sociedade de classes tem sido estudada em alguns países capitalistas. Com base nesses estudos, o pressuposto geral de que partem os investigadores que procuram abordar hoje este tema é o seguinte: em toda a sociedade de classes, a instituição escolar tem por função, explícita ou implícita, operar uma selecção social segundo critérios aceites vulgarmente como universais, mas que correspondem de facto aos padrões culturais da classe dominante. Através da escola, a sociedade de classes selecciona e reproduz-se, transmitindo de geração em geração as ideologias e as formas de comportamento que se esperam das diferentes classes e seleccionando e promovendo aqueles que mais aptos se demonstram, na escola, a desempenhar funções de direcção e conservação na sociedade em que se situam. Nos países de capitalismo avançado exige-se, para o desempenho das diversas actividades, uma capacidade de adaptação a novas exigências determinadas pelo desenvolvimento económico e tecnológico, sem, no entanto, exceder os limites impostos pela estrutura que se pretende conservar: a estrutura de classe.

---

\* O presente estudo constitui parte integrante de um projecto de investigação muito mais amplo acerca de problemas do ensino primário, projecto a cargo de um grupo de trabalho do Centro de Investigação Pedagógica do Instituto Gulbenkian de Ciência. Sérgio Grácio, na qualidade de contratado da Direcção-Geral do Ensino Básico, prestou colaboração, no 2.º semestre de 1975, para a realização deste inquérito. Sacuntala de Miranda é, sob contrato, elemento daquele grupo de trabalho.

*N. da R.* — O Gabinete de Investigações Sociais agradece ao Dr. Rui Grácio, por intermédio de quem este texto foi recebido na redacção de *Análise Social*, ter-lhe proporcionado a oportunidade de dar público conhecimento de alguns resultados parciais de um trabalho de investigação que está directamente na linha dos interesses desta revista e dos seus leitores. Desejaria, aliás, que lhe fosse oferecida a ocasião de editar mais tarde um novo texto onde se explicitassem os fundamentos teóricos e metodológicos do estudo cujos primeiros resultados agora se publicam.

São relativamente bem conhecidos entre nós os trabalhos de Baudelot e Establet, Bourdieu e Passeron, Althusser e outros sobre este tema e a desmontagem dos mecanismos culturais peculiares à França, país de capitalismo desenvolvido, em que a instituição escolar tem cumprido com eficiência a sua função selectiva e reprodutora, procurando estabelecer uma correspondência entre os diplomas emitidos pela escola e os postos abertos no mercado de trabalho. O funcionamento do sistema aproxima-se do seu óptimo em períodos de expansão capitalista, mas é posto em causa em períodos de crise, como o período actual, em que o desemprego afecta de forma crescente desde os sectores de trabalho não qualificados até aos sectores preenchidos por diplomados pelas universidades.

O que se passa em relação à função selectiva e reprodutora da escola em Portugal, país cuja estrutura económica e social se encontra a grande distância dos países de capitalismo avançado da Europa, especialmente após os golpes profundos que lhes foram vibrados em seguida a 25 de Abril de 1974? A abordagem do tema, num país em convulsão, não é fácil: novas perspectivas, novas aspirações, tentativas de instauração de novas relações de classes, a par de tentativas de ultrapassagem rápida dos mecanismos selectivos da escola por parte de diversos sectores progressistas, cujos esforços são entravados pelas estruturas ancilosas de um aparelho de Estado herdado do fascismo, pelo desprezo intencional votado por certas forças sociais à formação de um professorado que pudesse contribuir para a resolução dos problemas fundamentais do nosso povo e, posteriormente, pela acção corrosiva de associações de país dominadas por camadas sociais privilegiadas, bem como de determinados sectores da Igreja, desembocaram na actual situação de retrocesso e de cedência às pressões conservadoras.

Para quem, como nós, pretende pensar e transformar a realidade portuguesa é importante pôr a nu, através dos limitados recursos instrumentais ao nosso dispor, a relação entre o insucesso escolar e a origem social das crianças, isto é, o fenómeno de selecção escolar que, desde a escola primária, tem permitido que os filhos da burguesia e dos «doutores» se tornem doutores, enquanto a maioria da população trabalhadora tem fornecido mão-de-obra barata aos campos e às fábricas. Tentaremos assim trazer a público, de forma sumária, os resultados de um inquérito-piloto, realizado em Lisboa, na zona escolar de Alcântara, sobre o insucesso escolar na escola primária. Sobre os *comos* e *porquês* dos resultados objectivos a que chegámos não nos pronunciaremos por enquanto, visto essa questão estar a ser objecto de investigação por parte de outros elementos do grupo de trabalho a que pertencemos.

É do conhecimento empírico de muitos pais e educadores que existe uma relação entre o percurso escolar das crianças e a sua origem social. Não dispomos contudo, no nosso país, de dados objectivos de ordem quantitativa que permitam uma apreciação da profundidade do problema. O inquérito de Alcântara pretende constituir um primeiro, embora limitado, contributo nesse sentido.

Pensamos deste modo fornecer alguns elementos para a discussão deste problema, discussão ainda embrionária e dispersa em Portugal.

Não pensamos que a alavanca de transformações sociais profundas possa alguma vez assentar no sistema escolar e na simples tentativa (utópica) da conversão em profundidade da formação dos educadores e das atitudes das famílias. Mas estamos, por outro lado, convictos de que a eliminação da selecção social na escola também não pode ser conseguida, num processo de transformação global da sociedade, se não se caminhar para um conhecimento aprofundado de todas as implicações do problema por parte dos intervenientes no processo: estudantes, educadores, famílias, comunidade e poder instituído.

A zona escolar de Alcântara foi escolhida porque sabíamos tratar-se de um bairro de características populares, que, através dos anos recentes, sofrera a afluência de alguns estratos pequeno-burgueses e que aí encontraríamos, nas escolas primárias oficiais (frequentadas por cerca de  $\frac{2}{3}$  da população escolar da zona), desde crianças de barracas, passando por crianças de famílias operárias, a filhos de empregados bancários e de escritório. A ausência de crianças de classes nitidamente privilegiadas poderia constituir um óbice importante a um estudo comparativo do insucesso escolar segundo a origem social, mas a existência de uma escola oficial frequentada quase exclusivamente por crianças cujos pais possuíam formação universitária facilitou-nos a tarefa.

Recolhemos dados que nos permitiram reconstituir o passado escolar das 180 crianças que, na zona escolar de Alcântara, terminaram a 4.ª classe no ano de 1975-76. Por deficiência de informação, fomos obrigados a eliminar 24 fichas e a observação centrou-se num total de 156 crianças, que distribuímos de acordo com três categorias sociais de origem:

- A — Classe superior (quadros superiores, profissões liberais);
- B — Classe média (pequenos comerciantes, empregados bancários e de escritório, funcionários públicos médios);
- C — Classe popular (trabalhadores manuais: operários fabris e da construção civil, empregados de balcão, contínuos).

Esta classificação parece-nos a mais adequada ao objectivo do nosso inquérito, na medida em recobre as classes sociais existentes em meio urbano no nosso país.

Uma vez recolhidos os dados, procedeu-se à construção dos quadros estatísticos que nos permitiriam analisá-los, de forma a estabelecer a relação do insucesso escolar com a origem social das crianças. Os resultados obtidos vieram comprovar as hipóteses que tínhamos posto à partida (quadro n.º 1).

Tínhamos estabelecido, fundamentalmente, quatro hipóteses, que os resultados vieram a comprovar como válidas:

1) *Que a repetência, índice de insucesso escolar, cresce à medida que se desce na escala social, verificando-se uma demarcação especialmente pronunciada entre as crianças das categorias A e B*

**População observada (distribuição das crianças por categoria social)**

[QUADRO N.º 1]

Categoria social	População	
	Número de crianças	Porcentagem
Classe superior ... ..	28	18,0
Classe média ... ..	47	30,0
Classe popular ... ..	81	52,0
<b>Total ... ..</b>	<b>156</b>	<b>100,0</b>

(classe superior e média), por um lado, e as da categoria C (classe popular), por outro.

2) Que, ao nível do ensino primário elementar, para todas as categorias sociais consideradas em conjunto, *a repetência incide sobretudo na 1.ª classe*, o que atribuímos ao choque inicial sofrido pela criança — sobretudo pela criança dos meios populares — perante a instituição escolar e a aprendizagem da leitura e da escrita.

A comprovação destas duas primeiras hipóteses reúne-se nos quadros n.ºs 2 e 3 e no gráfico.

**Taxa de repetência por categoria social (a)**

[QUADRO N.º 2]

Categoria social	Taxa de repetência
Classe superior ... ..	7,14
Classe média ... ..	19,15
Classe popular ... ..	101,23
<b>Total ... ..</b>	<b>59,61</b>

$$(a) \frac{\text{Número de repetências na categoria social}}{\text{Número de crianças da categoria social}} \times 100$$

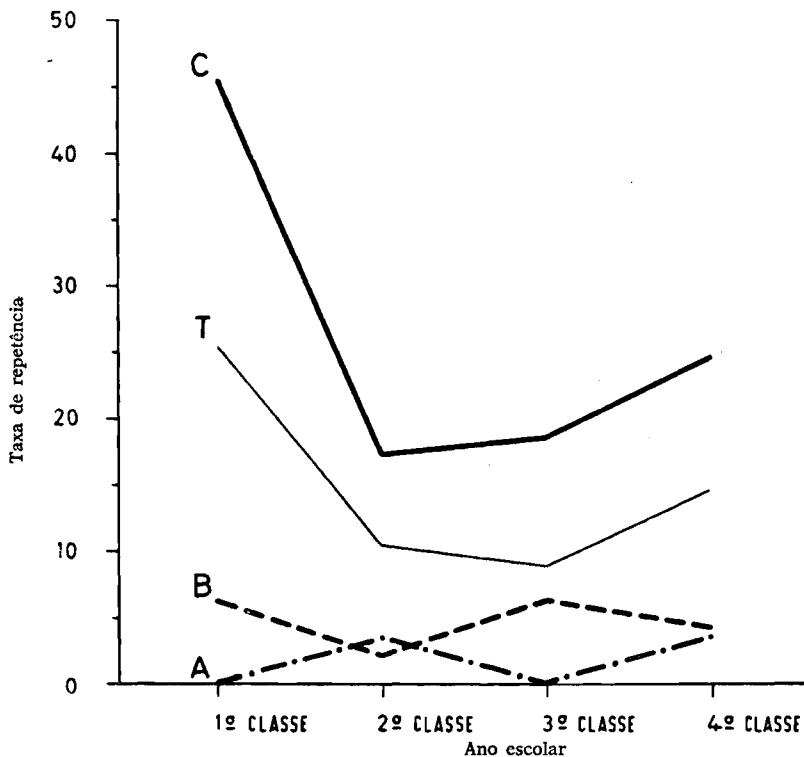
**Taxa de repetência por ano escolar e por categoria social (a)**

[QUADRO N.º 3]

Categoria social	Taxa de repetência				
	1.ª classe	2.ª classe	3.ª classe	4.ª classe	Total
Classe superior (A) ...	0	3,57	0	3,57	7,14
Classe média (B) ...	6,38	2,13	6,38	4,26	19,15
Classe popular (C) ...	45,68	17,28	13,59	24,69	201,23
<b>Total (T) ... ..</b>	<b>25,64</b>	<b>10,26</b>	<b>8,97</b>	<b>14,74</b>	<b>59,61</b>

$$(a) \frac{\text{Número de repetências por ano escolar e por categoria social}}{\text{Número de crianças da categoria social}} \times 100$$

Taxa de repetência por ano escolar e categoria social



- A — Classe superior
- B — Classe média
- C — Classe popular
- T — Taxa de repetência global

Nota — Verifica-se que o percurso descrito pela taxa de repetência global por classe escolar é determinado pelas repetências da classe C, que é a mais numerosa.

3) A terceira hipótese para que obtivemos confirmação foi a de que *as crianças das duas categorias superiores iniciam a escolaridade mais cedo do que as crianças originárias dos meios populares*, o que determina um avanço inicial de certo peso (quadro n.º 4).

Avanço inicial segundo a categoria social

[QUADRO N.º 4]

Categoria social	Entram na 1.ª classe		
	Com 6 anos (percentagem)	Com 7 anos e mais (percentagem)	Total (percentagem)
Classe superior ... ..	92,86	7,14	100
Classe média ... ..	93,62	6,38	100
Classe popular ... ..	77,78	22,22	100
Total ... ..	85,26	14,74	100

Aqui, novamente, a clivagem opera-se entre a classe popular e as restantes classes. Como provável explicação do fenómeno, avançaríamos que, na classe popular, a percepção *a priori* das possibilidades objectivas de promoção social através da escola inibe, à partida, a propensão para dar à escolaridade dos filhos a importância de que esta se reveste nas outras classes.

Quanto aos resultados sensivelmente iguais obtidos para a classe superior e para a classe média, só aparentemente contrariam a vantagem das primeiras relativamente ao insucesso escolar. Com efeito, parece-nos estar aqui em jogo a propensão da classe média para ver na escola o meio por excelência de promoção social dos filhos, o que seria eventualmente reforçado por uma maior segurança quanto ao futuro das crianças por parte dos pais da classe superior.

4) Temos finalmente, como quarta hipótese, aquela que se deduz logicamente das duas anteriores: que *as crianças dos meios privilegiados terminam a escolaridade primária mais cedo do que as da classe média e que os atrasos das crianças originárias dos meios populares revelam mais uma vez, de maneira flagrante, o fosso existente entre esta categoria e as duas anteriores.*

#### Atraso ao fim da escolaridade primária

[QUADRO N.º 5]

Categoria social	Terminam a 4.ª classe			
	Com 9 anos (percentagem)	Com 10 e 11 anos (percentagem)	Com 12 anos e mais (percentagem)	Total (percentagem)
Classe superior ... ..	32,14	67,85	0	100
Classe média ... ..	27,66	63,83	8,51	100
Classe popular ... ..	3,70	65,45	30,85	100
Total ... ..	16,03	65,37	18,60	100

Não obstante o pequeno número de crianças sob observação e o carácter estatisticamente não representativo da amostra considerada, cremos que os resultados obtidos são, como *primeira aproximação*, suficientemente significativos para sugerir a hipótese de também em Portugal a correlação do insucesso escolar com a origem social das crianças ser uma realidade. É de notar ainda que as clivagens se operam entre três categorias sociais que, mau grado a aparência de crescente complexidade das sociedades capitalistas e de certas particularidades relativas ao nosso país, constituem as componentes fundamentais da estrutura social.